

SEGUNDA CARTA DE PEDRO

AD EXPERIMENTUM

Texto provisório,
destinado à recolha de contributos dos leitores,
no sentido de aperfeiçoar a sua compreensibilidade.
Os comentários devem ser enviados para o endereço eletrónico:
biblia.cep@gmail.com

Versão de 1 de março de 2023

INTRODUÇÃO

Autor, destinatários e datação

Embora o autor seja apresentado como *Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo* (1,1) e recorde a sua presença no episódio da transfiguração do Senhor (1,16), provavelmente não é o apóstolo Pedro o autor da carta, mas sim alguém a quem é reconhecida autoridade para escrever em seu nome, e que o terá feito depois da sua morte. A atribuição da carta a Pedro enquadra-se numa prática recorrente no mundo antigo, que invoca a autoridade de uma personagem importante para reforçar a autoridade do escrito, e sobretudo justifica-se por parecer recolher pensamentos e mensagens da pregação de Pedro, provavelmente em Roma.

Os destinatários são cristãos da Ásia Menor, pagãos convertidos à fé cristã. A finalidade da carta é alertá-los para o perigo dos falsos mestres, infiltrados na Igreja (2,1ss), que serão provavelmente os precursores do movimento gnóstico que se desenvolverá no séc. II, e responder à inquietação que lhes provocava a demora da última vinda do Senhor, anunciando-lhes um mundo novo em que habitará a justiça (3,3-13).

A redação da carta terá acontecido por volta do ano 100, visto que já integra muito texto da carta de Judas (2,1,3b = Jd 4; 2,4.6 = Jd 5-7; 2,5 = Jd 5; 2,10s = Jd 8-9; 2,12 = Jd 10; 2,13-15 = Jd 11-12; 2,17 = Jd 12bs; 2,18 = Jd 16; 3,1-4 = Jd 17s; 3,10-13 = Jd 14s; 3,14-18 = Jd 20-25), e apresenta algumas semelhanças com uma das obras de Plutarco (*De sera numinis vindicta*), redigida c. 96 d.C..

Género literário

O escrito revela uma composição cuidada, com variedade de recursos literários; a atribuição, porém, deste texto ao género epistolar é problemática, já que lhe falta, por exemplo a saudação final, apresentando em seu lugar uma doxologia (3,18). Assemelha-se antes ao género de testamento ou discurso de despedida, que uma personagem faz antes da sua morte e no qual desenvolve, sob a forma de exortação, uma série de pontos doutrinários que considera oportuno lembrar à sua comunidade.

Conteúdo teológico

Sendo a carta motivada pelo problema dos falsos mestres (2,1), que se infiltraram na comunidade e que punham em perigo a ortodoxia da fé, o seu conteúdo apresenta e rebate os seus erros doutrinários, tal como os seus comportamentos (2,1-22; 3,17). Assim, entre outras afirmações, aparecem como temas doutrinários fundamentais: a inspiração das Sagradas Escrituras (cf. 1,20s); a salvação cristã como participação na natureza divina (1,4); a enfática confissão da divindade de Jesus Cristo pelo recurso aos títulos que lhe são atribuídos (*Deus e Salvador*: 1,1; *Senhor e Salvador*, 1,11 e

3,22); o anúncio de um mundo novo, perante a demora da parusia (última vinda do Senhor), e que anima a esperança (3,8; 3,13); a precariedade deste mundo (3,7).

Sublinhe-se também o facto de ser a primeira vez, no NT, em que se faz referência a uma coleção das cartas de Paulo (3,15s).

Estrutura

A estrutura assenta num procedimento retórico em que as partes do discurso se articulam à volta de um eixo central, que neste caso é constituído pela invectiva contra os falsos doutores (estrutura concêntrica):

- (A) Saudação inicial: 1,1-2
- (B) Exortação sobre a vocação cristã: 1,3-11
- (C) Memória das palavras de Cristo e dos profetas: 1,12-21
- (D) Inectiva contra os falsos mestres: 2,1-21
- (C') Memória das palavras dos apóstolos: 3,1-10
- (B') Exortação à santidade: 3,11-16
- (A') Conclusão (doxologia): 3,17-18

1 Saudação

¹ Simão Pedro, servo e apóstolo de Jesus Cristo^a, àqueles que, pela justiça do nosso Deus e Salvador Jesus Cristo, receberam uma fé tão preciosa como a nossa^b:
² a graça e a paz vos sejam concedidas em abundância, pelo conhecimento de Deus e de Jesus^c, nosso Senhor.

A vocação cristã

³ O seu poder divino concedeu-nos tudo o que é necessário para a vida e para a piedade^d, ao dar-nos a conhecer^e Aquele que nos chamou por sua própria glória e virtude. ⁴ Foi por elas que Ele nos concedeu os mais preciosos e sublimes bens, que nos tinham sido prometidos^f, para que por meio deles vos tornásseis participantes da natureza divina, tendo fugido da corrupção que existe no mundo, causada pelas paixões. ⁵ Por isso mesmo, ponde todo o vosso empenho em acrescentar à vossa fé a virtude, à virtude o conhecimento, ⁶ ao conhecimento o autodomínio, ao autodomínio a perseverança, à perseverança a piedade, ⁷ à piedade o amor fraterno, e ao amor fraterno o amor oblato.

⁸ Pois se estas virtudes^g existirem e crescerem em vós, elas não permitirão que sejais inoperantes ou estéreis no conhecimento do nosso Senhor Jesus Cristo. ⁹ Com efeito, quem não as possui, é um míope, um cego: esquece que foi purificado dos seus antigos pecados.

¹⁰ Por isso, irmãos, empenhai-vos^h cada vez mais em consolidarⁱ a vossa vocação e eleição. Se o fizerdes, nunca mais tropeçareis. ¹¹ Deste modo vos será amplamente concedida a entrada no reino eterno do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

^a O autor apresenta-se com o nome próprio do chefe dos apóstolos, Simão (cf. At 15,14), e com o que lhe foi dado por Jesus, Pedro (cf. Mt 16,18), sentindo-se, na continuidade da tradição hebraica, um obediente *servo* de Deus, como o foram Moisés (Dt 34,5) ou David (2Sm 7,5-29).

^b A carta acentua a centralidade da pessoa de Jesus Cristo (1,3.8; 2,20; 3,18) e a identificação da fé nele com o *conhecimento*, termo muito usado na carta (cf. 1,2.3.8; 2,20) e sempre no sentido bíblico, ou seja, indicando uma relação pessoal.

^c Vários mss. acrescentam *Cristo*.

^d A fé abre o crente ao poder divino, fazendo com que brotem atitudes e virtudes (1,5-8) que, tal como na literatura cristã primitiva e mesmo helenística, são apresentadas em forma de catálogo. A plenitude da vocação cristã (v.10) é expressa como uma participação na *natureza divina* (v.4), ideia que não é estranha ao NT, mas que apenas aqui encontra uma formulação tão objetiva.

^e Lit.: *por meio do conhecimento*.

^f Lit.: *Ele concedeu-nos as promessas preciosas e maiores*.

^g Lit.: *estas coisas*.

^h Vários mss. acrescentam *por meio das boas obras*.

ⁱ Lit.: *fazer firme*.

Fidelidade ao testemunho dos apóstolos e profetas

¹²É por isso que sempre vos hei de recordar estas coisas, ainda que já as saibais e estejais firmes na verdade que já conheceis^a.

¹³Entendo que é justo, enquanto viver na tenda que é este corpo^b, despertar-vos com estas advertências, ¹⁴sabendo que está para breve o momento de deixar esta minha tenda^c, como também mo deu a conhecer o nosso Senhor Jesus Cristo^d. ¹⁵E hei de empenhar-me para que, mesmo depois da minha partida, conserveis sempre em vós a lembrança destas coisas.

¹⁶De facto, não foi por seguirmos fábulas habilmente inventadas^e que vos demos a conhecer o poder e a vinda do nosso Senhor Jesus, mas por termos sido testemunhas oculares da sua grandeza. ¹⁷Pois Ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando da majestosa glória de Deus lhe chegou esta voz: «Este é o meu Filho amado, no qual Eu me comprazo». ¹⁸Nós próprios escutámos esta voz vinda do céu, quando estávamos com Ele no monte santo. ¹⁹E temos connosco ainda mais firme a palavra dos profetas, à qual fazeis bem em prestar atenção, como a uma candeia que brilha num lugar escuro, até que o dia desponte e a estrela da manhã nasça nos vossos corações. ²⁰Primeiro que tudo, ficai a saber isto: nenhuma profecia da Escritura resulta de uma interpretação particular, ²¹pois nunca foi por vontade humana que uma profecia foi proferida; pelo contrário, foram os homens que, movidos pelo Espírito Santo, falaram da parte de Deus.

2 Os falsos mestres

¹Contudo, também surgiram falsos profetas entre o povo^s, tal como hão de surgir entre vós falsos mestres, que introduzirão heresias que levam à perdição^h e, chegando ao ponto de renegarⁱ o Senhor que os resgatou, atrairão sobre si uma

^a Lit.: *na verdade presente*. A fé assenta nos ensinamentos de Jesus e dos apóstolos (vv.14-18) e dos profetas (vv.19-21). É neste quadro que se contrapõe o ensinamento dos falsos mestres – provavelmente gnósticos, cujos ensinamentos são meramente especulativos e desligados das propostas de vida evangélica – à inspiração da Sagrada Escritura (v.21), que deve ser interpretada pelo mesmo Espírito presente na comunidade.

^b *Que é este corpo* é acrescento da tradução.

^c Lit.: *a separação da tenda*.

^d O autor alude ao anúncio feito por Jesus sobre a morte de Pedro (cf. Jo 21,18s).

^e Cf. 1Tm 1,4 nota.

^f Lit.: *quando lhe foi trazida uma tal voz pela majestosa glória*.

^g Nos vv.1-22 encontram-se descritos os falsos mestres (cf. Jd 4), que põem em perigo a fé cristã com o seu ensinamento e sua conduta moral (vv.1ss). Apelando a exemplos de personagens bíblicas e extrabíblicas que receberam o castigo do Senhor – os anjos que pecaram (*IHen* 6,1-7), os incrédulos contemporâneos de Noé (Gn 6,5-8), os habitantes de Sodoma e Gomorra (Gn 19), e de Balaão, filho de Bosor (cf. Nm 22,5) – o autor exorta os cristãos a manterem-se fiéis, porque o Senhor salva os que seguem o caminho da verdade, como aconteceu com Noé e a sua família (cf. Gn 7,7; 1Pd 3,20), e com Lot, sobrinho de Abraão (Gn 19,12-29).

^h Lit.: *de perdição*.

ⁱ Não no sentido de não terem fé, mas de a deturparem gravemente, a ponto de rejeitarem o julgamento de Deus, sendo por isso comparáveis aos ímpios que negam que Deus conheça os seus pecados e os julgue (cf. Sl 10,11.13; 14,1; 73,11).

perdição que chegará sem tardar^j. ²Muitos hão de segui-los na sua devassidão e, por sua causa, o caminho da verdade será objeto de blasfémia. ³Por ganância, hão-de explorar-vos com palavras falsas. Mas há muito tempo que a sua condenação está em curso^k e a sua perdição não se fará esperar^l. ⁴Pois se Deus não poupou os anjos que pecaram, mas colocou-os acorrentados no abismo^m das trevas, onde os mantém guardados para o julgamento; ⁵se também não poupou o mundo antigo quando desencadeou o dilúvio sobre o mundo dos ímpios, mas poupou oito pessoas, entre as quais Noé, arauto da justiça; ⁶se condenou à ruína as cidades de Sodoma e Gomorra, reduzindo-as a cinzas para servirem de exemplo aos ímpios que viriam depois, ⁷mas livrou o justo Lot, que vivia angustiado pela conduta devassa daquela gente perversa – ⁸este justo, de facto, que vivia no meio dessa gente, sentia, dia após dia, a sua alma justa atormentada por causa das más obras que via e ouviaⁿ –, ⁹então é porque o Senhor sabe livrar da provação os piedosos, e reservar os injustos para serem castigados no dia do juízo, ¹⁰sobretudo aqueles que, movidos por desejos impuros^o, vão atrás da carne e desprezam a soberania do Senhor. Atrevidos e presunçosos, não temem injuriar os seres gloriosos, ¹¹enquanto os anjos, superiores a eles em força e em poder, não proferem diante do Senhor qualquer juízo injurioso contra eles.

¹²Estes, como animais irracionais que estão por natureza destinados a serem capturados e mortos^p, ao injuriarem aquilo que desconhecem, acabarão destruídos pela sua própria corrupção^q, ¹³recebendo, por serem injustos, a recompensa da sua iniquidade. De facto, consideram uma delícia entregar-se ao deboche em pleno dia^r, são imundos e desavergonhados, e têm prazer em vos enganar^s, enquanto se banqueteiam convosco. ¹⁴Os seus olhos estão cheios de adultério e são insaciáveis no pecado, seduzem as almas inconstantes e têm o coração exercitado na avareza. São filhos da maldição! ¹⁵Abandonando o caminho reto, deixaram-se seduzir e seguiram o caminho de Balaão, filho de Bosor, que se perdeu de amores por uma recompensa iníqua, ¹⁶mas foi repreendido por causa da sua maldade: um jumento, falando com voz humana, deteve a insensatez do profeta. ¹⁷Esses homens^t são fontes sem água e nuvens arrastadas pela tempestade: está-lhes reservada a profundidade das trevas. ¹⁸É que, com discursos arrogantes e vazios, seduzem pelas paixões da carne e pela devas-

^j Lit.: *rápida perdição*.

^k Lit.: *não está inativa*.

^l Lit.: *não dorme*.

^m No grego *Tártaro*, o inferno dos pagãos. Ao usar esta figura mitológica, o autor parece querer enquadrar o seu discurso na cultura dos seus destinatários, tal como a aventura de Noé poderá evocar o episódio da sobrevivência de Deucalião (filho de Prometeu), e o fogo de Sodoma recordar a punição de Faetonte (filho de Hélios).

ⁿ Lit.: *pelo olhar e pela audição*.

^o Lit.: *na cobiça de corrupção*.

^p Lit.: *à captura e à corrupção*.

^q Lit.: *na corrupção deles*.

^r Lit.: *considerando prazer o deleite no dia*.

^s Lit.: *nos seus enganar*.

^t *Homens* é acrescento da tradução.

sidão os que ainda há pouco fugiram daqueles que vivem no erro. ¹⁹Prometem-lhes liberdade, quando são eles próprios escravos da corrupção, pois cada um é escravo daquilo que o domina.

²⁰De facto, se, depois de terem fugido da corrupção do mundo pelo conhecimento do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam de novo enredar e dominar por ela, então a sua situação final torna-se pior do que a primeira. ²¹Com efeito, melhor fora para eles não terem conhecido o caminho da justiça do que, depois de o terem conhecido, voltarem as costas ao santo mandamento que lhes foi transmitido.

²²Aconteceu-lhes o que diz aquele provérbio tão verdadeiro:

«O cão volta ao seu vômito»^a

e «a porca, acabada de lavar, volta a rebolar-se na lama»^b.

3 A vinda de Cristo e o fim do mundo

¹Amados meus^c, esta é já a segunda carta que vos escrevo, procurando, tanto numa como noutra, despertar na vossa memória aquela que é a correta maneira de pensar^d, ²a fim de que vos recordeis das palavras já ditas pelos santos profetas e do mandamento do Senhor e Salvador, transmitido pelos vossos apóstolos^e.

³Primeiro que tudo, ficai a saber isto: nos últimos dias há de surgir gente cheia de escárnio, que vive de acordo com as suas paixões, e que com escárnio ⁴vos dirá: “O que é feito da sua vinda, que Ele tinha prometido”? Pois desde que os nossos pais morreram, tudo continua como no princípio da criação^f. ⁵É que eles esquecem-se propositadamente de que há já muito tempo havia céus e terra que, saída da água e no meio da água, se tornou firme pela palavra de Deus, ⁶e de que, pelas mesmas razões, o mundo de então foi destruído, submergido pela água. ⁷Ora, os céus e a terra que existem agora estão reservados, pela mesma Palavra, para o fogo, aguardando o dia do juízo e da perdição dos ímpios^g.

⁸Há, porém, uma coisa, amados meus, que não deveis esquecer: diante do Senhor um só dia é como mil anos, e mil anos como um só dia. ⁹O Senhor não tardará em

^a Pr 26,11.

^b Trata-se provavelmente de uma citação de um texto apócrifo, sobre os ensinamentos do sábio Ahikar, cuja história na corte de Senaquerib remonta ao séc. V a.C..

^c A demora da vinda do Senhor provocou nas primeiras gerações cristãs alguma perplexidade. De facto, os *pais* (os apóstolos ou os cristãos da primeira geração) tinham já morrido (v.4), sem que tal tivesse acontecido, o que abriu caminho a que os falsos mestres negassem a parusia. O autor responde-lhes com o Sl 90,4 (v.8), evidenciado que o tempo de Deus não é o dos homens. A paciência de Deus supera a vontade humana de castigo e destruição (v.9), e os novos céus e a nova terra acabarão por surgir (v.10). Esta realidade radicalmente nova é expressa mediante imagens e expressões tomadas da apocalíptica judeo-cristã (Mt 24,29.35.43; 1 Ts 5,2-4; Ap 20,11; 21,1).

^d Lit.: *pensamento puro*.

^e Lit.: *do mandamento dos vossos apóstolos do Senhor e salvador*.

^f Lit.: *onde está a promessa da sua vinda?* A fórmula *o que é feito* (lit.: *onde está?*) é usada no AT para colocar em causa a existência de uma divindade estrangeira (cf. Dt 32,37; 2Rs 18,34) ou exprimir dúvidas sobre a ação do próprio Deus (cf. Jz 6,13; Sl 42,4.11).

^g Lit.: *guardados para o fogo, para o dia do juízo e para a perdição dos homens ímpios*.

cumprir a sua promessa, como pensam alguns. No entanto, usa de paciência para convosco^h, por não querer que ninguém se perca, mas que, pelo contrário, todos cheguem à conversãoⁱ. ¹⁰ Contudo, o dia do Senhor virá como um ladrão. Nesse dia os céus desaparecerão com estrondo, os elementos do mundo^j serão destruídos, devorados pelas chamas, assim como a terra, juntamente com as obras que nela existem^k.

¹¹ Visto que todas as coisas serão assim destruídas, quão necessário é que tenhais uma conduta santa e piedosa, ¹² enquanto esperais e apressais a vinda do dia de Deus! Nesse dia os céus, consumidos pelo fogo, serão destruídos, e os elementos do mundo, devorados pelas chamas, fundir-se-ão. ¹³ De acordo com a sua promessa, nós esperamos *novos céus e uma nova terra*^l, onde habitará a justiça.

Exortação à vigilância

¹⁴ Por isso, amados meus, enquanto esperais tudo isto, empenhai-vos para que Ele vos encontre na paz, sem mancha e sem motivo algum de censura. ¹⁵ Considerai que a paciência do nosso Senhor tem em vista a salvação^m, tal como o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, de acordo com a sabedoria que lhe foi concedida: ¹⁶ ele fala disto em todas as suas cartas. Há nelas alguns pontos difíceis de compreenderⁿ, que os ignorantes e inconstantes na fé^o deturpam, como fazem com as outras Escrituras, para sua própria perda.

Conclusão

¹⁷ Portanto, amados meus, assim prevenidos, acautelai-vos para não perderdes a vossa firmeza, arrastados pelos erros desses ímpios.

¹⁸ Crescei na graça e no conhecimento do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. A Ele seja dada a glória, agora e até ao dia eterno. Amen^p.

^h Alguns mss. mais tardios leem *convosco*.

ⁱ A paciência de Deus e o conseqüente adiamento do seu julgamento constituem uma oportunidade para a conversão; assim foi entendido na tradição judaica, segundo a qual Deus deu mais tempo a Adão para se arrepender e ser salvo (*GnR* 22,1; *Jub* 4,29; cf. Filão, *Leg. alleg* 3,106). Não se trata, portanto, de um argumento contra a teodiceia, mas de um sinal da benevolência de Deus (*Sb* 12,10; *Nm* 14,18; *Ex* 34,6s; *Ne* 9,17; *Sl* 86,15; *Rm* 2,4).

^j *Do mundo* é acrescido da tradução.

^k A tradução segue a Vg. Outra hipótese de tradução (segundo NA²⁸) seria: *e a terra e as obras [que há] nela não serão encontradas*.

^l *Is* 65,17; 66,22.

^m Lit.: *considerarei a paciência do nosso Senhor salvação*.

ⁿ *De compreender* é acrescido da tradução.

^o *Na fé* é acrescido da tradução.

^p Alguns mss. omitem *amen*. Contrariamente ao que é habitual nas cartas, o autor substitui as saudações pessoais e as despedidas com uma doxologia.